

OS MELHORES DE 2021

TEATRO



Um formato "de bolso", só possível com muito tempo de reflexão

LEVI MARTINS

Em movimento

Luís Miguel Cintra foi colher em Cervantes a matéria para um espetáculo perfeito

TEXTO JOÃO CARNEIRO

1 PEQUENO TEATRO

A partir de Cervantes
Encenação de Luís Miguel Cintra

Foi no "D. Quixote", de Cervantes, que Luís Miguel Cintra encontrou a fonte para construir este espetáculo. Quixote e Sancho Pança são surpreendidos, aqui, na sua vocação deambulatória, ou seja, na descrição do movimento físico que leva as personagens a percorrer os espaços onde as coisas acontecem, ou vão acontecendo. É assim que a ficção se desenvolve, indissociável quer do movimento físico quer

do movimento da imaginação. O espaço da antiga capela, que hoje é lugar de apresentação de artes performativas e outras atividades culturais organizadas pelo Museu da Marioneta, nas suas relativamente pequenas dimensões e na privilegiada relação entre público e espetáculo que proporciona, foi também uma espécie de lugar ideal para o espetáculo minucioso, que em todas as suas dimensões parecia perfeito: na adaptação dramática do texto, nas opções de cenografia e figurinos, no trabalho de atores, no som, nas luzes, numa equipa técnica artística tão eficaz como discreta. O pequeno formato do "Pequeno Teatro Ad Usum Delphini Vanitas" só é possível não apenas com muita experiência como com muitos conhecimentos, muito tempo de aprendizagem e muito tempo de reflexão. O espetáculo de Luís Miguel Cintra conseguiu a proeza de, com aparente facilidade e simplicidade, recriar a obra de Cervantes a partir de alguns fragmentos, sendo totalmente fiel ao espírito do livro, num formato todo ele praticamente "de bolso", quase tão portátil como o teatro de títeres de que se fala no texto. Nada parecia forçado, nada parecia fora do lugar, num gesto criativo de uma liberdade tal que o seu carácter novo era apenas uma evidência. Um pouco como o eco de um outro "pequeno teatro", hoje em dia menos falado, mas não menos sublime por isso, o de Jean Renoir. ●

2 MOLLY BLOOM

A partir de James Joyce
Encenação de Viviane de Muynck e Jan Lauwers

Era um desejo que tinha já há muito tempo — representar o longo soliloquio com que a personagem Molly Bloom conduz o "Ulisses", de Joyce, até ao final, e nos conduz a nós com ela. Nós, neste caso, os espectadores do espetáculo; ela, Viviane de Muynck, a extraordinária artista que em anos recentes fomos podendo ver em peças encenadas por Jan Lauwers. Desta vez, atriz e encenador trabalharam em conjunto para criar o espetáculo. Viviane de Muynck está sozinha em cena, sentada grande parte do tempo, e fala — com uma arte rara e consumada. / J.C.

3 AQUILO QUE OUVÍAMOS

De Joana Craveiro/Teatro do Vestido

Desta vez, o ponto de partida foi aquilo que pessoas como Joana Craveiro e outros elementos do Teatro do Vestido ouviam nos anos 80/90 — os discos, a rádio, os concertos. A música podia ser uma fonte de prazer, um sinal de não conformismo e uma espécie de elo de ligação entre pessoas que nem sequer se conheciam. Fiel ao seu trabalho de teatro documental, Joana Craveiro inovou mais uma vez, criando um espetáculo para uma discoteca, que trabalha com mecanismos da memória e que convoca o formato de um concerto rock. / J.C.

4 WHO KILLED MY FATHER/ QUEM MATOU O MEU PAI

De Édouard Louis

Encenação de Ivo van Hove

Com o livro "Quem Matou O Meu Pai", Édouard Louis continua o seu trabalho de análise social e política através da sua autobiografia e da biografia da sua família. Ivo van Hove concebeu um espetáculo fiel ao texto original, do qual conserva a brevidade, a concisão e a acutilância. O ator Hans Kesting dá corpo e voz a uma personagem que materializa cenicamente uma imagem do "pai" com a intensidade que essa personagem possui no livro. / J.C.



JORGE GONÇALVES

5 LUA AMARELA

De David Greig

Encenação de Pedro Carraca

"Lua Amarela" fala de jovens, com jovens, num mundo onde também existem, inevitavelmente, adultos. É um texto exemplar que consegue ser virtuoso sem nunca ser demonstrativo. A encenação de Pedro Carraca, fiel à letra e ao espírito da peça, é clara, sóbria e eficaz, ao que não é estranho o conjunto de atores — Gonçalo Norton, Rita Rocha Silva, Paulo Pinto e Inês Pereira. / J.C.

6 BIRDLAND

De Simon Stephens

Encenação de Jorge Silva Melo e Pedro Carraca

7 UM GAJO NUNCA MAIS É A MESMA COISA

De Rodrigo Francisco

8 PETITES FABLES

De Agnès Limbos

9 SOU UMA ÓPERA, UM TUMULTO, UMA AMEAÇA

A partir de Siri Hustvedt

Encenação de Cristina Carvalhal

10 DUAS PERSONAGENS

De Tennessee Williams

Encenação de Carla Galvão e Sara Castro

Escolhas de J.C.